

CAPÍTULO V

A FRATERNIDADE FRANCISCANA¹

Depois de termos falado do relacionamento entre Deus e nós, vamos agora às considerações sobre a vida fraterna. A Espiritualidade Franciscana e a comunhão com Deus nascem e crescem se existe a fraternidade. A fraternidade é o lugar onde se celebra e se vê a espiritualidade.

1. A origem da vida fraterna franciscana

Antes de fazermos qualquer consideração sobre a vida fraterna franciscana, precisamos lembrar que na Idade Média, as reformas dos movimentos religiosos, e até algumas organizações sociais e econômicas, consideravam importante o conceito da fraternidade. Foi justamente nesse clima, que nasceu a fraternidade franciscana². Francisco não pensou em fundar uma Ordem. Depois da sua conversão os seus primeiros companheiros quiseram o seguir, ele se encontrou diante de um problema, naturalmente. Assim, Francisco entendeu que o Senhor lhe deu os irmãos e desde então precisava prover para eles o que o Senhor mesmo queria. O Celano nos lembra dos sentimentos que Francisco houve quando apareceu o seu primeiro companheiro, Bernardo:

São Francisco teve uma alegria enorme com a chegada e a conversão de um homem de tanto valor, pois reconheceu que o Senhor cuidava dele, já que lhe mandara um companheiro tão necessário e um amigo tão fiel³.

No seu Testamento Francisco vai confirmar, que foi o Senhor que deu início à sua fraternidade: *E depois que o Senhor me deu Irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou...*⁴. Francisco tinha a convicção profunda de que a sua vocação, o nascimento da nova fraternidade, com seu particular estilo de vida, e seu crescimento eram iniciativas de Deus⁵. Foi a autenticidade da vida e vocação de Francisco que inspirou os primeiros companheiros a fazerem a mesma coisa, como nos atesta a LTC:

A verdade da doutrina anunciada com simplicidade e a autenticidade da vida do bem-aventurado Francisco se tornavam conhecidas de muitos, de modo que, transcorridos dois anos de sua conversão, certos homens começaram a se

¹ Ref. L. Iriarte, *Vocazione francescana*, 204-223; A. Mercatali, *Dialogo e vida fraterna*, in VM 5 (1979) 5-25.

² Ref. Desbonnets, *Dalla fraternità all'Ordine*, in A.A. VV., *Lettura delle Fonti Francescane, Temi di vita franciscana: La fraternità*, Roma, 1983, 73-80.

³ 1C 24.

⁴ T 14.

⁵ No Testamento Francisco relembra cada passo: “Foi o Senhor que lhe concedeu começar a fazer penitência... foi o Senhor que o conduziu no meio dos leprosos... foi o Senhor que deu tanta fé nas Igrejas... foi o Senhor que lhe deu tanta fé nos sacerdotes... foi o Senhor que lhe deu os irmãos... do Senhor ele recebeu a revelação de viver segundo a forma do Evangelho... o Senhor lhe revelou a saudação da paz” (Ref. T 1-23).

animar por seu exemplo e penitência e, rejeitando todas as coisas, uniram-se a ele, no hábito e na vida. ⁶.

Todos indistintamente - nobres e plebeus, ricos e pobres, clérigos e leigos - onde quer que estiverem e se encontrarem, devem mostrar-se “irmãos”, familiares entre si, tratando-se com plena confiança, amando-se com um amor mais que materno⁷.

2. O conceito da fraternidade franciscana:

Francisco, quando se encontrou diante do problema da fraternidade que estava nascendo, não se inspirou a nenhum modelo preexistente das comunidades religiosas, que se inspira ao modelo de vida da primeira comunidade de Jerusalém.

A comunidade beneditina, recolhia no mosteiro os irmãos segundo uma determinada hierarquia eclesial. O monge sob o governo e ação do abade, que as vezes representava Cristo, recebia todo o necessário da vida espiritual e temporal e desenvolvia tudo através das atividades externas, na comunidade e por meio da comunidade.

A comunidade agostiniana, que unificou os canônicos (cônegos) regulares a partir do século XI e os eremitas do século XIII, tinham como modelo, a primeira comunidade de Jerusalém, tratava-se de uma *vita communis*. Isto, caracterizada pela pobreza individual, colocando em comum todos os bens, a caridade fraterna e a vida conjunta: teto em comum (claustro, refeitório, dormitório), comida e vestimentas em comum, oração comunitária. Nas constituições dos Premonstratenses e dos Dominicanos fala também da uniformidade das observâncias que deve ser expressão externa da união interior.

Comparando com estes dois modelos, *a fraternidade franciscana* parece ter uma fisionomia bastante diversa. A vida em comum, que era o elemento essencial para a comunidade beneditina e agostiniana, pode-se dizer que pouco ou nada tinha valor. Os

⁶ LTC; Queremos elencar alguns nomes dos primeiros confrades de Francisco: o primeiro companheiro era Bernardo de Quintavalle. Provinha de uma família aristocrática, homem culto e de grande capacidade, rico e de grande posição na cidade, era considerado como grande conselheiro da cidade; era jurista e doutor em Direito. O segundo companheiro, Pedro Catani, que mais tarde tornou-se o Ministro Geral (1219), também provinha de família conspícua e nobre. Francisco tinha um particular respeito para com este confrade e o chamava não “frater”, mas “dominus”, meu senhor, pois ele era um homem culto e nobre (JJ 12). Alguns estudiosos dizem que ele era o cônego da Igreja São Rufino, mas certamente estudava em Bolonha e era o doutor da lei. Morreu no ano 1221. Depois desses dois juristas, o Celano coloca em evidencia outro frade, Fr. Egidio, homem simples e pessoa de oração, exemplar na vida piedosa e na obediência perfeita, amante da contemplação e da vida solitária. Filipe Longo, homem simples, entendia e interpretava bem a Sagrada Escritura, ele foi enviado como “visitador” das Clarissas; Morico, também provinha de família nobre. A sua família possuía castelos grandes e muitas terras; Seu pai foi o cônsul de Assis no ano 1212; João da Cappella, provinha de família nobre. Uma legenda, mostrando o paralelo, entre a vida de Francisco com a vida de Cristo, diz que, ele esse frade se enforcou depois de ter roubado o balsamo que era destinado para versar no corpo de Francisco, atribuindo assim o lugar de João com o traidor, Judas. Ângelo Tancredese, pertencia a família nobre, e foi o primeiro cavaleiro que entrou na Ordem, homem gentil e cheio de bondade. Bernardo da Vigilante, originário de família rica, o nome de seu pai aparece no arquivo de Assis, citado num importante ato de doação a favor da catedral de São Rufino. Seu irmão era considerado entre os cidadãos que tinham a maior influencia na cidade no ano 1233.

⁷ RB 6,8; RNB 9,13.

franciscanos não tinham um claustro, uma casa, não tinham pelo menos no início as estruturas ou observâncias específicas, não tinham bens comuns, tratava-se de uma pobreza absoluta, individual e comunitária. Jaques de Vitry⁸ contemplando o rápido crescimento da Ordem por causa do estilo de vida pobre dos frades, diz:

*Recebam os irmãos na sua religião, aberta para todos, sem fazer alguma dificuldade, com tanta confiança, sem nada temor, pois se confiam totalmente à divina magnificência e providência. Àqueles que vêm dão o cordão e o habito e deixam o resto a providencia divina*⁹.

O modelo de vida fraterna, para Francisco, não é mais a primeira comunidade de Jerusalém, narrada nos Atos, mas a vida de Jesus e dos Apóstolos. Expropriar-se de tudo, sem pão, sem bastão, sem teto, ir, e pregar o Evangelho com o testemunho de vida e com a palavra. Não se trata de uma comunidade, mas de uma “fraternidade”, ou seja, uma família de irmãos. Francisco não fala de uma *ordem*, nem de uma *comunidade*, mas de uma *fraternidade*. A palavra mais frequente nas Fontes é *frater*, que é presente nos *Escritos* cerca de 179 vezes. Os relacionamentos entre os frades são baseados na fraternidade.

O Celano nos atesta:

*Ele mesmo fundou a Ordem dos Frades Menores e nessa ocasião lhe deu o nome. Quando estava escrevendo na Regra: “e sejam menores”, ao pronunciar essas palavras disse: “Quero que esta fraternidade seja chamada Ordem dos Frades Menores.” De fato, eram menores, porque eram “submissos a todos”, sempre procuravam o pior lugar e queriam exercer o ofício em que pudesse haver alguma desonra, para merecerem ser colocados sobre a base sólida da humildade verdadeira e neles pudesse crescer auspiciosamente a construção espiritual de todas as virtudes.*¹⁰

3. Algumas características da fraternidade franciscana

Esse novo tipo de vida fraterna, não tinha no fundamento uma estrutura hierarquia nem a vida em comum, precisava algo novo para o seu fundamento básico, sobre o qual apoiar a sua consistência. E estas bases da vida fraterna franciscana foram:

3.1 A caridade evangélica

⁸ Jacques de Vitry foi um cardeal francês, bispo de Frascati, muito amigo do Cardeal Hugolino. Nasceu em Vitry-les-Reims, por volta de 1180. Teve uma interessante experiência com as Beguinhas. Em 1216, chamado a Roma para ser consagrado bispo de São João de Acre, na terra que os cruzados tinham reconquistado aos sarracenos, encontrou a corte pontifícia em Perugia, enfrentando a morte de Inocêncio III e a eleição de Honório III. Aproveitou a oportunidade para conhecer os novos movimentos religiosos que havia na região e foi, assim, a primeira testemunha que, sem pertencer à Ordem, deixou um escrito sobre os franciscanos dos primeiros tempos. O que damos abaixo consta em uma carta escrita em Gênova, ainda em 1216. Mais tarde ainda teremos outra alusão aos franciscanos em sua História “Occidentalis” e também um discurso feito à Ordem.

⁹ 1Vitry, FF 2224.

¹⁰ 1C 38.

Era o primeiro vínculo que mantinha unidos os frades. Francisco e Clara sonharam construir uma família com laços fraternos igual ao relacionamento tão tenro e sacrificado de uma mãe para com seu filho:

E um manifeste ao outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva. E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho (cf. lTs 2,7)¹¹

O Celano descreve como na realidade se praticava este amor fraterno:

*Que caridade enorme abrasava os novos discípulos de Cristo! Quão forte era o laço que os unia no amor! Quando se reuniam em algum lugar, ou quando se encontravam em viagem, reacendia-se o fogo do amor espiritual, espargindo suas sementes de amizade verdadeira sobre todo o amor. E como? Com abraços fraternos, com afeto sincero, com ósculos santos, uma conversa amiga, sorrisos agradáveis, semblante alegre, olhar simples, ânimo suplicante, língua moderada, respostas afáveis, o mesmo desejo, pronto obséquio e disponibilidade. O fato é que, tendo desprezado todas as coisas terrenas e estando livres do amor-próprio, consagravam todo o seu afeto aos irmãos, oferecendo-se a si mesmos para atender às necessidades fraternas. Reuniam-se com prazer e gostavam de estar juntos: para eles era pesado estarem separados, o afastamento era amargo e doloroso estarem desunidos*¹².

A mesma caridade unia as fraternidades das irmãs Clarissas:

Antes de tudo, elas possuem a virtude da mútua e constante caridade, que a tal ponto une suas vontades que, vivendo em número de quarenta ou cinqüenta em um mesmo lugar, parecem ter uma só vontade e uma só opinião. Brilha também em cada uma a jóia da humildade, que conserva os dons recebidos do céu e lhes merece as outras virtudes. O lírio da virgindade e da pureza perfuma-as todas, a ponto de esquecerem os pensamentos terrenos e desejarem apenas meditar nos celestiais.

3.2 A acolhida recíproca

Nenhum grupo humano, como ensina a psicologia dos grupos, pode funcionar, se cada componente dele não se sente plenamente acolhido sem reserva e se não são aceitos outros membros dos grupos com suas idéias e tarefas. Portanto, uma fraternidade que quer realizar-se selecionando os temperamentos, idade, formação, etc., não será uma fraternidade evangélica e não irá durar muito tempo, exatamente porque faltou o ponto de partida, a aceitação do outro assim como ele é. Esse fato supõe um trabalho de purificação, de destruição de cada forma de egoísmo, de domínio, das inclinações aos vícios e dos costumes e hábitos adquiridos, tais da permitir uma recíproca acolhida fraterna.

¹¹ RNB 9,13; RB 6,10.

¹² 1C 38-39.

Francisco e Clara tinham uma visão bem diferente: mostraram como acolher cada irmão como dom de Deus. Francisco coloca-se em contraste com os antigos Padres do Deserto que normalmente rejeitavam aceitar discípulos “como se não houvesse necessidade dele”. Francisco, em vez, acolhe o candidato com grande alegria¹³. Desde o início, o candidato é circundado de amor e veneração. Francisco mostra, de fato, muita ternura e respeito para com os novos frades, não consentindo, por exemplo, que eles viessem enviados logo para pedir a esmola, temendo que provassem a vergonha. Para os frades que vão chegar no futuro da fraternidade, dirige a sua bênção:

*Escreve como abençoar a todos os meus frades, que estão na religião e que virão, até o fim do mundo*¹⁴.

Acolher não significa aceitar simplesmente com alegria os frades na fraternidade, mas aceitá-los assim como eles são. Respondendo a um ministro desesperado Francisco diz:

*E justamente nisso deves amá-los, nem mesmo desejando que eles se tornem cristãos melhores*¹⁵.

Aceitar o outro assim como ele é significa, conseguir ver nele as qualidades, o carisma particular. Na fraternidade de Francisco existia uma variedade de pessoas: ao lado de Bernardo tinha um Egidio; ao de Silvestro, um Junipero; ao de Masseo, um Ruffino. Francisco sublinha o lado melhor de cada um e cria o protótipo do perfeito frade menor:

Isto é: a fé de Frei Bernardo, que a teve de forma perfeita com o amor à pobreza; a simplicidade e a pureza de Frei Leão, que foi realmente de uma pureza santíssima; a cortesia de Frei Ângelo, que foi o primeiro cavaleiro que veio para a ordem e que era ornado de toda a cortesia e bondade; o aspecto gracioso e o senso natural com a fala bonita e devota de Frei Masseu; a mente elevada em contemplação que Frei Egídio teve até a máxima perfeição; a virtuosa e constante oração de Frei Rufino, que rezava sempre, sem interrupção: mesmo dormindo ou fazendo alguma coisa tinha sempre seu espírito com o Senhor; a paciência de Frei Junípero, que atingiu um estado perfeito de paciência, por causa da perfeita verdade da própria vileza, que tinha continuamente diante dos olhos, e um ardente desejo de imitar a Cristo no caminho da cruz; o vigor corporal e espiritual de Frei João das Laudes, que, naquele tempo, ultrapassou todos os homens em força física; a caridade de Frei Rogério, cuja vida inteira e comportamento estavam no fervor da caridade; e a solicitude de Frei Lúcido, que teve grandíssima solicitude e não queria morar quase um mês no mesmo lugar, mas quando lhe agradava ficar num lugar,

¹³ Quando Francisco ficou sabendo que Bernardo queria seguir esta vida e que queria vender tudo e distribuí-lo aos pobres, diz Boaventura: “Ao ouvi-lo, o servo de Deus sentiu um grande conforto espiritual, porque havia concebido seu primeiro filho” (1B 3,3).

¹⁴ 1T.

¹⁵ CM 4.

imediatamente se afastava e dizia: “Não temos morada aqui (cf. Hb 13,14), mas no céu”¹⁶.

3.3 O respeito recíproco

A vida franciscana requer não somente a acolhida, mas também a lealdade e o respeito recíproco. Francisco quer que os seus frades sejam assim:

Bem-aventurado o servo que tanto ama e respeita o seu confrade quando está longe como se estivesse perto nem diz na ausência dele coisa alguma que não possa dizer na sua presença sem lhe faltar à caridade¹⁷.

O respeito e a compreensão não podem faltar quando o irmão errar. Os frades deve cuidar-se de não se irritarem, nem perturbarem para não vir menos a caridade:

E tomem cuidado em não se encolerizar ou perturbar com o pecado de alguém, porque ira e perturbação entravam a caridade em si e em outros¹⁸.

Eram alegres quando se encontravam e unidos como pedras vivas:

Quando se reuniam em algum lugar, ou quando se encontravam em viagem, reacendia-se o fogo do amor espiritual, espargindo suas sementes de amizade verdadeira sobre todo o amor. E como? Com abraços fraternos, com afeto sincero, com ósculos santos, uma conversa amiga, sorrisos agradáveis, semblante alegre, olhar simples, ânimo suplicante, língua moderada, respostas afáveis, o mesmo desejo, pronto obséquio e disponibilidade¹⁹.

3.4 A mutua disponibilidade

A fraternidade baseada na pobreza total, na renúncia absoluta, estimula a procurar a colaboração dos outros. Quem é rico, é cercado com o muro de proteção pela própria riqueza, a pobreza une, a riqueza divide e marginaliza. O rico não se doa, mas impõe, oferece da sua riqueza ao pobre, não para ajudá-lo, mas para dominá-lo. Por isso, na pobreza franciscana tem posto à mutua disponibilidade, para a ajuda recíproca. Francisco dizia aos seus frades:

E um manifeste ao outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva. E cada qual ame e alimente a seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho (cf. 1Ts 2,7); e o Senhor lhe dará sua graça.²⁰

A falta das coisas estimula a solicitação da caridade, a qual deve suprir as faltas materiais. Muitos episódios mostram como Francisco foi pronto para ir ao encontro dos frades necessitados. É significativo, o episódio de um frade que com fome não

¹⁶ EP 85.

¹⁷ Ad 25.

¹⁸ RB 7.

¹⁹ 1C 38.

²⁰ RNB 9,13-14.

conseguia dormir e, Francisco preparou logo a mesa, o chamou e com ele também todos os frades da fraternidade para comerem em forma que o frade faminto não sentisse a vergonha²¹.

Outro caso semelhante com um frade doente:

O bem-aventurado Francisco disse consigo mesmo: “Se esse irmão comesse uvas maduras bem de manhã, acho que ia fazer bem para ele”. Por isso, levantou-se um dia bem cedo, em segredo, chamou o frade e o levou para uma vinha que ficava perto da mesma igreja. Escolheu uma videira em que havia uvas boas e sadias para comer. E sentando-se com o frade junto da videira, colheu uvas para comer, para que não ficasse envergonhado de comer sozinho²².

A disponibilidade recíproca significa também colocar em comum as coisas pessoais de forma que o outro que tem a mesma necessidade possa ser satisfeito, sem passar a vergonha de pedir-lo.

Aconselhando todos a serem caridosos, São Francisco também mandava que demonstrassem afabilidade e um tratamento familiar: “Quero que meus frades mostrem que são filhos da mesma mãe. Que cada um dê com liberalidade ao outro o hábito, o cordão, qualquer coisa que ele pedir. Ponham em comum os livros e tudo que possam desejar, insistindo até com os outros a que tomem o que precisam²³.

Nessa linha, podemos colocar o pensamento de Clara que deixa a cada irmã a possibilidade de partilhar com as outras irmãs os presentes que recebeu:

Se algo for enviado a alguém por parentes ou por outros, faça a abadessa que isso lhe seja dado. Ela mesma, se tiver necessidade, poderá usá-lo; se não, que o dê com caridade a uma Irmã que precise²⁴

Nota-se que no pensamento de Clara não é a abadessa que recebe os presentes e distribui, mas ela pede que a irmã mesmo que recebeu os presentes, tenha a sensibilidade e responsabilidade para com as outras.

3.5 A igualdade total

A expropriação total que Francisco pede da parte dos Irmãos é para tornarem-se todos iguais. Tendo deixado tudo o que podia dar sentido a superioridade aos outros, eles se preparavam para sentirem-se iguais. O Celano comenta:

De fato, é um ensinamento sublime! Que mais precisa quem vem do mundo das dissimulações que limpar e enxugar com exercícios de humildade os

²¹ CAs 50.

²² CAs 53.

²³ 2C 180.

²⁴ RSC 8,9.

*afetos seculares que andou ajuntando e arraigando em si mesmo durante tanto tempo?*²⁵

Francisco procurava o Maximo conservar os frades unidos entre si e redobrava seu afeto para cuidar deles.

*Sempre manteve um desejo constante e um esforço vigilante para preservar entre seus filhos o vínculo da união, para que fossem formados pacificamente no seio da mesma mãe aqueles que tinham sido atraídos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai. Queria que os grandes se unissem aos pequenos, que os sábios e os simples vivessem em comunhão fraterna e que os que se encontrassem longe sentissem que estavam ligados pelo amor*²⁶.

A mesma idéia ele exprime no Testamento lírico para Clara e suas Irmãs :

*Ouvi, pobrezinhas, pelo Senhor chamadas, que de muitas partes e províncias fostes congregadas: Vivei sempre na verdade, para morrerdes na obediência*²⁷.

Sabemos como é difícil manter uma comunidade na igualdade total, especialmente numa sociedade onde existem pessoas que são de famílias *nobres - maiores e plebéias – menores*. Na Idade média, até nos mosteiros, podia entrar somente pessoas de origem nobre, os que eram de famílias baixas, deveriam ser admitidas como “servas”, aceitando discriminação, marginalização, por tudo o que diz respeito a comunidade, o trabalho, a cultura espiritual, a forma de vestir-se etc. Assim também entre as monjas. Santa Hildegarda²⁸, que viveu um século antes de Clara dizia assim:

E quem não reuniria num só rebanho, num único curral, sem distinguir entre os bois, burros, vacas e cabras? Assim também nós devemos ter a neta distinção. Deus mesmo estabeleceu distinções entre os povos, não somente na terra, mas também no céu.

Na fraternidade de Francisco respirava-se profundamente o clima de igualdade. No mesmo tempo Francisco tinha a preocupação de preservá-los dos perigos dos privilégios da hierarquização, dos cultos, doutos e cientistas.

A Regra insiste sobre o fato que os Superiores não são que ministros e servos dos outros frades. O superior é para ajudar os outros na realização e atuação da própria vocação. É a pessoa que deve ter compreensão para com os irmãos, especialmente quando se encontram em dificuldades para observar espiritualmente a Regra. Francisco diz:

Os ministros, porém, caridosa e benignamente os recebam e tratem com tanta familiaridade, que os irmãos possam falar e haver-se com eles como

²⁵ 2C 194.

²⁶ 2C 191.

²⁷ OPob 1-2.

²⁸ A monja beneditina Hildegarda nasceu em 1098 e faleceu em 1179 no atual território germânico, em 1584, sem cerimônia oficial, seu nome foi incluído no [Martirólogo Romano](#) como santa. Em 2012 o papa [Bento XVI](#) reafirmou oficialmente sua santidade e a proclamou Doutora da Igreja. É a quarta doutora - mulher - da Igreja, depois de Teresa de Ávila, Catarina de Sena e Teresinha de Lisieux.

senhores para com seus servos; pois assim deve ser, que os ministros sejam servos de todos os irmãos ²⁹.

Se algum ministro não fosse em grau de servir aos irmãos deve ser substituído³⁰. Para sublinhar a importância da igualdade, Francisco não queria que entre os frades usassem os títulos:

*E neste gênero de vida ninguém seja intitulado "prior" mas todos sejam designados indistintamente como "frades menores". E um lave os pés ao outro!*³¹

3.6 O dialogo fraterno

A fraternidade franciscana é nutrida pela Palavra e pelo espírito de estar juntos alegremente. Francisco era convicto da importância da escuta da Palavra na fraternidade. Como o silenciar é necessário para a escuta da Palavra para poder dialogar depois com Deus, assim, é importante o silenciar diante do irmão para poder escutá-lo e depois realizar o dialogo. O silêncio não é visto como uma disciplina ascética, mas, como condição para escutar o irmão. Desde o início, podemos ver a espontaneidade e alegria na vida fraterna e especialmente nos dormitórios, como nos atesta as biografias³². Entre os irmãos, alguns possuíam o dom do silencio habitual, como silvestre, Bernardo e Egidio; outros contribuíam com santas conversações. Outros enfim, silenciavam ou falavam segundo seu jeito próprio, como fazia, por exemplo, Junípero. Havia também alguns hipócritas taciturnos que, talvez influenciado pelos Cistercienses, falava só com gestos³³

Em São Damião, a Regra não era diferente daquela dos frades, porém, a Regra de Hugolino impôs o silêncio absoluto. As irmãs não podiam falar, deveriam usar os sinais para se comunicarem, segundo o uso dos Cistercienses. As irmãs assumiram com bastante seriedade ao ponto que Celano escreve no 1228:

Adquiriram a graça especial da abstinência e do silêncio, a ponto de não precisarem esforçar-se para coibir os apetites carnaís e refrear a língua. E Algumas delas já se desacostumaram tanto de falar que, quando precisam, mal conseguem lembrar-se de como se formam as palavras ³⁴.

Quando finalmente Clara conseguiu dar à sua fraternidade uma forma de vida de inspiração franciscana, omitiu o silêncio continuo, o limitou para determinados tempos e lugares nos quais tinha uma razão justa para observá-lo. Havia um lugar onde o silêncio era cedido: a enfermaria; *onde as Irmãs sempre podiam falar discretamente para distrair as doentes e cuidar delas* ³⁵.

²⁹ RB 10,6-7.

³⁰ RB 8.

³¹ RNB 6,3.

³² CAs 56; EP 95 RE (Regra de Vida do Éremo) 5-7.

³³ CAs 116.

³⁴ 1C 20.

³⁵ RSC 5,3.

Podemos ver que Francisco também se preocupava bastante com as palavras inúteis e não adequadas, que podiam destruir a fraternidade. Ele admoestava seriamente a quem caluniava o irmão.

E guardem-se todos os irmãos de caluniar a alguém ou de "ocupar-se com discussões vãs" (2Tm 2,14), mas antes tratem de guardar silêncio, tanto quanto lhes conceder a graça de Deus..."E não injuriem ninguém" (Tt 3,2), não murmurem, não caluniem a outros, por quanto está escrito: "os murmuradores e os caluniadores são odiados por Deus (Rm 1,29)"³⁶.

3.7 O encontro fraterno

O encontro fraterno, posteriormente, vem denominado com nome monástico: o *Capítulo*. Os monges faziam a cada dia o capítulo, a cada dia verificavam a observância da Regra examinando cada prescrição, capítulo por capítulo, do qual derivou o nome: Capítulo. Também na fraternidade franciscana, tal encontro era *para tratar das coisas que se referiam a Deus*³⁷ e das coisas que se referiam à fraternidade; era também, momento de alegria, comunhão e partilha³⁸. Ao redor do pai, os filhos se reuniam, partilhavam com ele narrando tudo o que aconteceu durante a viagem e a missão, atribuía a Deus os bons sucessos, reconhecia com humildade as próprias fragilidades e procurava a ajuda dos Irmãos. Jaques de Vitry nos atesta:

*Uma vez por ano, num lugar determinado previamente, se encontravam, para se alegrarem juntos, comerem juntos, e levavam deste encontro benefícios notáveis.*³⁹

*Sempre manteve um desejo constante e um esforço vigilante para preservar entre seus filhos o vínculo da união, para que fossem formados pacificamente no seio da mesma mãe aqueles que tinham sido atraídos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai. Queria que os grandes se unissem aos pequenos, que os sábios e os simples vivessem em comunhão fraterna e que os que se encontrassem longe sentissem que estavam ligados pelo amor*⁴⁰.

Esses encontros fraternos, com tempo foram se estabelecendo e logo após algum tempo, eles eram realizados duas vezes por ano. No ano 1216 o encontro de todas as fraternidades foi realizado uma só vez por ano, perto da festa de Pentecostes. O Capítulo de 1221 foi o ultimo capítulo no qual participaram todos os frades, inclusive os noviços⁴¹.

Com o tempo quando foram formando as fraternidades locais, os capítulos das fraternidades assumiram o rosto do capítulo das culpas e os Capítulos Gerais ocuparam lugar para organização do governo e automaticamente tornaram-se menos espontâneos,

³⁶ RNB 11,1; 2C 182.

³⁷ RNB 18,1.

³⁸ 1C 30.

³⁹ 1Vitry FF 2208.

⁴⁰ 2C 191

⁴¹ JJ 16.

fraternos e joviais. Clara quis mencionar as duas intenções na sua Regra: corrigir os erros e programar para o bem comum.

Pelo menos uma vez por semana, a abadessa tenha que convocar suas Irmãs para um capítulo. Aí, tanto ela quanto as Irmãs devem confessar humildemente suas faltas e negligências comuns e públicas. E tratem aí, de acordo com todas as Irmãs, o que for necessário para a utilidade e o bem do mosteiro, porque muitas vezes o Senhor revela à menor o que é melhor⁴².

3.8 Fraternidade aberta a todos os homens e a todas as criaturas

A fraternidade franciscana não se limita somente àqueles que participam da mesma vocação. Os frades devem levar o clima de fraternidade para o mundo, criando novos relacionamentos de fraternidade com todos os homens e com todas as criaturas. Tal atitude se expressa acolhendo todas as categorias de pessoas como Francisco mesmo nos diz na Regra: “E todo aquele que deles se acercar, seja amigo ou adversário, ladrão ou bandido, recebam-no com bondade”.

Francisco convidava aos seus frades a não julgarem nem desprezarem a ninguém⁴³ e deveriam ser mansos e humildes para acolher todos:

Quando vão pelo mundo, não litiguem nem contendam com palavras (cfr. 2Tm 2,14), nem julguem os outros; mas sejam amáveis, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando a todos honestamente, como convém⁴⁴.

Esse sentido da fraternidade que nasceu em Francisco é fruto da sua convicção da paternidade universal de Deus e da fraternidade universal entre as criaturas⁴⁵. Ele se sentia responsável por todos e não somente ele queria beijar os pés de todos⁴⁶, mas, queria levar a todos para o paraíso⁴⁷.

O sentimento fraternal de Francisco não se limitava nas pessoas, imagem e semelhança de Deus, mas se estendia para todas as criaturas. A paternidade de Deus se manifesta em todas as criaturas, são palavras de um canto de alegria, pois todas testemunham que Deus o ama. Louvava o Criador em todas as suas obras e sabia atribuir os atos a seu Autor⁴⁸. Francisco tinha consciência que sua sobrevivência estava

⁴² RSc 4, 15-16.

⁴³ RB 2,18.

⁴⁴ RB 3,11-12.

⁴⁵ LTC 58: “Francisco advertia também aos irmãos que não julgassem homem algum, nem desprezassem os que vivem na moleza e se vestem elegante e superficialmente... Dizia também que queria que os irmãos os reverenciassem como irmãos e senhores, porque eles são irmãos enquanto criados pelo mesmo Criador, e são os senhores enquanto ajudam os bons a fazer penitência, ministrando tudo o que é necessário ao corpo...”

⁴⁶ 2CF 1-2.

⁴⁷ Na visita do papa Honório em Assis, Francisco lhe faz o pedido da Indulgência: o Papa: “diz-me para quantos anos você a quer, e quanta indulgência lhe deva conceder”. São Francisco replicou-lhe: - “Santo Padre, sua santidade queira-me dar não anos, mas, almas”.... E ele dizia a todos: “Quero mandar-vos todos para o céu. Anuncio-vos a indulgência que recebi da boca do sumo pontífice: todos vós que hoje vindes e todos aqueles que virão cada ano, neste dia, com um coração bom e contrito, obterão a indulgência de todos os seus pecados” (Teobaldo).

⁴⁸ 2C 165.

ligada ao desaparecimento de muitas criaturas, mas aceitava esse sacrifício com gratidão e reconhecimento. Não se sentia como “rei do universo”, mas se considerava um irmão pobre que, para viver, necessitava de outras criaturas. Não é o “destruidor”. Aproximava-se de todas as criaturas, como “irmão, com respeito e cortesia,”; chamava a todos, *irmão e irmã*. Não somente lhes dava o apelido, mas amava-os de verdade, tinha grande respeito e estima para com cada criatura, entendia a linguagem delas. Mostrava grande predileção com os animais⁴⁹, ele conseguia comunicar com o falcão que o acordava durante a noite para cantar as Laudes⁵⁰, com o irmão faisão que não queria separar-se dele⁵¹, com a irmã cigarra⁵², etc.

O mesmo sentimento Francisco sentia para com as criaturas não sensíveis: não queria pisar na neve, que os frades cortassem as lenhas, que apagassem o fogo que pegou no hábito, *“quando lavava as mãos, escolhia um lugar em que aquela água usada não fosse pisada pelos pés. Quando precisava andar sobre pedras, fazia-o com temor e reverência, por amor daquele que é chamado de Pedra”*⁵³. É comovente a sua recomendação com o irmão fogo⁵⁴.

Ir. Joice Korattiyil

⁴⁹ 1C60-61;77-79.

⁵⁰ 2C 168.

⁵¹ 2C 170.

⁵² 2C 171.

⁵³ CAs 87.

⁵⁴ CAs 86.